DO HIPERFOCO À APRENDIZAGEM COLETIVA: A PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO CAMINHO PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Autores: Raíssa Messias de Lima[1], Camila Beatriz Rodrigues da Silva[1], Camila Beltrão Medina[1], Eloína Francisca da Silva Carvalho[2].

[1]Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, raissamess15@gmail.com, camil4.bia@gmail.com, camila.medina@univap.br, eloina.carvalho@edusjc.sp.gov.br.

[2]EMEI Cassiano Ricardo, Rua Engenheiro Prudente Meireles de Morais, 1000, Vila Adyana – 12243-750 – São José dos Campos-SP, Brasil, eloina.carvalho@edusjc.sp.gov.br.

Resumo: O presente artigo relata o desenvolvimento de um projeto pedagógico, realizado na Educação Infantil, durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O trabalho teve como objetivo refletir sobre a importância de acolher as singularidades e os interesses das crianças, especialmente o hiperfoco, como possibilidade para ampliar a participação e as experiências de aprendizagem de todos os alunos. No decorrer da aplicação do projeto foram realizadas atividades envolvendo contação de história, oralidade, escrita, cooperação e experimentação científica. Os resultados indicaram um envolvimento satisfatório do grupo nas propostas e a ampliação das experiências de aprendizagem a partir de um tema significativo para as crianças. A experiência também contribuiu para a formação docente, evidenciando a importância da escuta, da flexibilidade e do reconhecimento das singularidades no planejamento pedagógico.

Palavras-chave: Pedagogia de Projetos. Educação Infantil. Inclusão. Hiperfoco. Prática Pedagógica.

Área do Conhecimento: Educação/Ensino-Aprendizagem.

Introdução

A Educação Infantil é uma etapa fundamental para o desenvolvimento integral da criança, sendo o espaço escolar um ambiente enriquecedor para as descobertas, interações e aprendizagem. Nesse contexto, compreender as crianças como sujeitos ativos do próprio processo de aprendizagem, envolve reconhecer as suas experiências, curiosidades, maneiras de se expressar e interesses, como elementos norteadores para a construção de práticas pedagógicas significativas. A partir das contribuições de Rogers (1972), compreendemos a aprendizagem como um processo que estimula a participação das crianças e valoriza as suas experiências, como elementos importantes para a construção de novos conhecimentos. Dessa forma, escutar os interesses das crianças, observar as suas preferências e singularidades, permite que se compreenda quais são suas especificidades, para assim ser possível planejar propostas significativas e que envolva a participação de toda a turma.

Partindo dessa perspectiva, a Pedagogia de Projetos apresenta-se como uma metodologia pedagógica que valoriza o protagonismo infantil e a construção do conhecimento a partir de temas que tenham significado para as crianças. Para Carvalho e Guizzo (2017), articular os interesses dos alunos e a Pedagogia de Projetos, possibilita uma nova perspectiva, em que o docente irá repensar sua prática, reconhecer o que mobiliza o envolvimento das crianças e utilizar isso como elemento central para o planejamento pedagógico. Assim, os interesses das crianças deixarão de ocupar um lugar secundário na rotina escolar e passarão a ser o ponto de partida para novas descobertas e aprendizagens.

Acolher as particularidades dos alunos torna-se ainda mais importante quando se compreende que cada criança possui diferentes formas de se interessar, participar e aprender. Nesse contexto, algumas crianças podem apresentar interesses intensos e específicos, conhecido atualmente como hiperfoco. Embora esses interesses possam se manifestar de diferentes formas, quando inseridos às práticas educacionais, favorecerem diversas oportunidades de aprendizagem e possibilita a participação de toda a turma. Gunn e Delafield-Butt (2016), ao analisarem estudos sobre a inserção dos interesses

específicos de crianças autistas em contextos educacionais, identificaram o quão benéfico foi a contribuição desses interesses no envolvimento das atividades e nas experiências de aprendizagem tanto das crianças atípicas como do restante da classe. Nesse sentido, reconhecer um hiperfoco, não significa restringir a criança a uma única temática, mas compreender esse interesse como uma possível porta de entrada para experiências mais amplas e significativas.

A partir dessa compreensão, surgiu o projeto desenvolvido com as crianças do Pré II, no qual o interesse pelo universo dos dinossauros se tornou o ponto de partida para a construção de uma sequência de experiências pedagógicas. O tema, foi definido a partir do resultado de uma dinâmica coletiva e se relacionou ao interesse intenso de um dos alunos. Neste sentido, a escolha dos alunos foi acolhida, o que possibilitou o desenvolvimento de propostas envolvendo literatura, contação de história, oralidade, cooperação, escrita, investigação e experimentação científica. O projeto não se restringiu ao hiperfoco ou ao aluno que apresentava esse interesse, ele possibilitou o envolvimento de todo o grupo em diferentes situações de aprendizagem.

Diante disso, este artigo tem como objetivo relatar o desenvolvimento do projeto sobre dinossauros realizado na Educação Infantil, refletindo sobre a importância do acolhimento das singularidades e dos interesses infantis, especialmente do hiperfoco, como possibilidade de favorecer a participação, a interação e a construção coletiva de aprendizagens.

Metodologia

A investigação adotou o delineamento de pesquisa-ação, por relacionar a prática pedagógica à reflexão contínua sobre os resultados obtidos. Essa abordagem foi escolhida porque possibilita observar, no cotidiano da escola, os impactos da Pedagogia de Projetos sobre os processos de inclusão e de aprendizagem, bem como a participação ativa dos estudantes.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico com a intenção de pesquisar referências sobre a Pedagogia de Projetos, o desenvolvimento infantil e a inclusão escolar por meio do acolhimento de interesses específicos. Foram priorizados autores clássicos da área, como Zabala (1998), Horn (2004), Dewey (1979) e Ferreiro e Teberosky (1999), cujas contribuições fundamentaram tanto o nosso planejamento de aula quanto a análise das práticas desenvolvidas. Também utilizamos como elemento de estudo presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil.

As intervenções pedagógicas e o projeto funcionaram como a principal ferramenta de produção de material empírico. Foi possível observar, registrar e analisar as interações das crianças, as produções individuais e coletivas, bem como o nível de engajamento do grupo por meio de anotações em diários de bordo e registros fotográficos, que compuseram o material analisado desta pesquisa.

O projeto foi desenvolvido no primeiro semestre de 2026, em uma escola pública. As ações foram aplicadas nas turmas de Pré II, abrangendo crianças na faixa etária de 5 a 6 anos, sob a mediação das docentes regentes. As propostas foram estruturadas em sessões lúdicas de 20 minutos.

O percurso metodológico seguiu etapas práticas orientadas pelos planos de aula. Partiu da identificação do interesse e escolha do tema pelas crianças, passando por atividades planejadas no sentido de aprofundar o conhecimento sobre o tema escolhido até a produção final das crianças que representa o grau de profundidade dos aprendizados compartilhados.

Os dados foram analisados de maneira qualitativa e descritiva, buscando identificar como a Pedagogia de Projetos contribuiu para o acolhimento do aluno com hiperfoco e para o protagonismo de todo o grupo infantil.

Resultados

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece as interações e as brincadeiras como eixos estruturantes na Educação Infantil, assegurando às crianças os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se (Brasil, 2017). Considerando esses princípios e os interesses apresentados pelas turmas durante a dinâmica inicial, foi elaborado um planejamento pedagógico, que teve o universo dos dinossauros como tema norteador.

Para iniciar o projeto e aproximar as crianças do tema, foi realizada a contação da história do livro *Gigantossauro*, de Jonny Duddle. A leitura foi conduzida de maneira lúdica e interativa, permitindo que os alunos participassem da narrativa comentando, perguntando e criando hipóteses sobre os acontecimentos da história. No decorrer da leitura, algumas crianças foram compartilhando seus conhecimentos prévios sobre o tema e contribuindo espontaneamente. Após a leitura, foi oportunizada

a socialização, na qual os alunos contaram o que já conheciam sobre os dinossauros e esclareceram suas dúvidas, favorecendo a troca de conhecimentos entre a turma e ampliando o repertório sobre o tema.

Dando continuidade ao projeto, foi desenhado em uma cartolina o esqueleto de um dinossauro e as peças, para a montagem coletiva de um quebra-cabeça. A proposta despertou um grande entusiasmo nas crianças, que realizaram os encaixes das peças e auxiliaram uns aos outros durante a montagem. Os registros apresentados nas Figura 1 e Figura 2 documentam esse momento evidenciando a interação do grupo com a montagem do quebra cabeça

Figura 1 – Esqueleto do dinossauro.

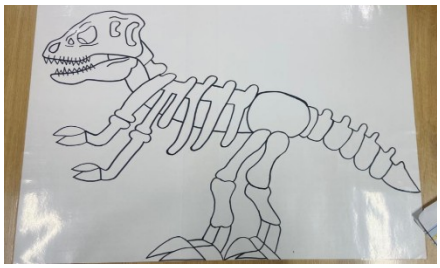


Figura 2 – Socialização da atividade.



Fonte: Acervo pessoal, 2026

Na sequência, foi realizada uma proposta de escrita. Para isso, foi desenvolvida uma atividade nomeada “Almoço do Dinossauro”. A partir da criação de uma situação em que “o dinossauro estava com muita fome e precisava da ajuda da turma para preparar seu almoço”, cada criança escolheu um alimento para compor a refeição, realizou o registro escrito de acordo com sua hipótese de escrita, destacando a primeira letra da palavra e um desenho para representar o alimento escolhido. A proposta despertou bastante interesse na turma, durante a escrita das crianças, pudemos observar em qual hipótese cada aluno estava sendo valorizado cada tentativa e todos foram incentivados a participar, sempre respeitando os diferentes momentos de aprendizagem apresentados pelas crianças. Dessa forma, o reconhecimento das letras e a consciência fonológica foram trabalhados dentro de uma proposta lúdica e significativa, como pode ser observado nos registros a seguir.

Figura 3 – Elaboração da lista de palavras

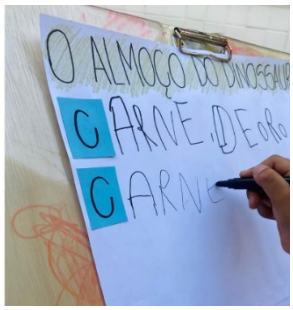


Figura 4 – Colagem do desenho.



Fonte: Acervo pessoal, 2026.

Para finalizar o projeto de forma criativa e relevante para o aprendizado dos alunos, foi realizada uma oficina de fósseis. Contamos com a participação de Matheus Novaes Marinho, estudante de Biologia da UNIVAP, e com o apoio do Laboratório de Paleontologia da universidade, que disponibilizou a ele, réplicas de fósseis para serem apresentadas a turma. Inicialmente, foi realizada uma conversa sobre os dinossauros, os fósseis e o trabalho dos paleontólogos. Em seguida, as crianças puderam observar, manipular as réplicas e socializar as dúvidas sobre os materiais apresentados. Após a exploração das réplicas, cada criança produziu seu próprio molde de fóssil com massinha de modelar e pequenos dinossauros de brinquedo. Depois, acompanharam a preparação do gesso e ajudaram

colocando nos moldes. Essa experiência, possibilitou as crianças observarem as transformações ocorridas durante o processo e participarem das diferentes etapas da produção do fóssil, que posteriormente levaram para casa. Um pequeno momento da oficina pode ser observado no registro da Figura 6:

Figura 5 – Socialização com a réplica de um fóssil.



Fonte: Acervo pessoal, 2026.

A oficina também possibilitou a articulação entre diferentes disciplinas, adaptando conteúdos referentes à Biologia e à Paleontologia, para a Educação Infantil. A mediação de um estudante da área e o contato com materiais do Laboratório de Paleontologia da UNIVAP, contribuíram para ampliar essa experiência, permitindo que as crianças não apenas recebessem informações sobre os fósseis, mas também observassem, questionassem, manipulassem e produzissem seus próprios fósseis, a partir do contato com esses materiais. Os registros fotográficos indicam a etapa descrita e o resultado do trabalho dos alunos

Figura 6 – Alunos aguardando o processo. de secagem do gesso



Figura 7 – Resultado de um fóssil produzido por um aluno



Fonte: Acervo pessoal, 2026.

No decorrer do projeto, observamos que o interesse pelo tema permaneceu presente nas diferentes propostas e pôde ser explorado, por meio de experiências relacionadas a linguagem, escrita, imaginação, interação, cooperação e a investigação. O tema, inicialmente escolhido a partir dos interesses das crianças, foi ampliado para diferentes situações de aprendizagem, envolvendo todo o grupo e permitindo diferentes formas de participação. Desse modo, as atividades desenvolvidas evidenciaram a possibilidade de utilizar um interesse específico como ponto de partida para experiências pedagógicas diversificadas, sem restringi-lo a uma única forma de aprendizagem.

Discussão

O projeto foi inteiramente estruturado com base na Pedagogia de Projetos (PP), uma perspectiva metodológica que busca romper com o ensino puramente tradicional e fragmentado ao propor a organização do trabalho pedagógico a partir de temas significativos e reais para as crianças. Como lembra Zabala (1998), o trabalho com projetos organiza os conteúdos de maneira integrada, partindo daquilo que desafia os estudantes. No contexto da Educação Infantil, essa escolha atendeu à necessidade de criar um ambiente escolar acolhedor e verdadeiramente inclusivo, em que as singularidades não fossem tratadas como fatores de isolamento.

A primeira etapa, voltada para a escolha do tema por meio de imagens, revelou o forte interesse do grupo pelo universo pré-histórico, impulsionado pelo hiperfoco de um dos alunos da turma. Em vez de mitigar esse comportamento ou tratar a fixação do estudante como uma distração para a rotina da sala, a nossa proposta pedagógica usou esse interesse latente como o motor central do engajamento coletivo. Durante as rodas de leitura do livro Gigantossauro, observamos que o aluno com hiperfoco

assumiu um protagonismo espontâneo muito rico. Ele compartilhava seus conhecimentos prévios e termos técnicos com os colegas, gerando perguntas, hipóteses e motivando a curiosidade de toda a turma. Isso dialoga diretamente com o que Freire (2021) defende ao afirmar que ensinar exige o respeito aos saberes dos educandos, tomando as suas experiências vivas como o ponto de partida absoluto para a construção de novos conhecimentos.

Ao avançarmos para as atividades práticas, como a montagem coletiva do quebra-cabeça do esqueleto do dinossauro na cartolina, ficou evidente o desenvolvimento do espírito colaborativo e das competências socioemocionais das crianças. Organizados em pequenos grupos, os alunos precisaram observar formas, negociar espaços e se apoiar mutuamente para encaixar as peças. Essa dinâmica criou um ambiente horizontal e confortável, auxiliando na socialização e na inclusão de alunos que demonstravam maiores dificuldades de concentração ou de interação na rotina comum da escola.

Conforme Horn (2004) aponta, os projetos pedagógicos na Educação Infantil transformam o espaço em um lugar de trocas reais e vivas. A atividade de escrita do cardápio do dinossauro foi um momento crucial para observar como o engajamento afetivo com um tema acelera o processo de alfabetização. Ao serem desafiadas a pensar no almoço do dinossauro, as crianças registraram as palavras mobilizando suas próprias hipóteses de escrita e identificando as letras iniciais de forma contextualizada. Como explicam Ferreiro e Teberosky (1999) na teoria da Psicogênese da Língua Escrita, o aprendizado da escrita ganha sentido quando a criança é inserida em práticas que possuem uma intencionalidade discursiva real. O aluno não estava apenas copiando letras soltas, mas produzindo cultura.

Por fim, a transposição didática realizada na oficina de fósseis conferiu o caráter concreto exigido pelas infâncias. Contar com o apoio direto da universidade por meio do empréstimo de réplicas pelo Laboratório de Paleontologia da UNIVAP materializou conceitos científicos que, de outra forma, seriam muito abstratos para crianças de 5 e 6 anos, foi decisivo para o trabalho. O manuseio do gesso e da massinha permitiu que os estudantes compreendessem o ofício do paleontólogo por meio da própria experiência física. Essa prática de campo reforça a visão de John Dewey (1979) de que a educação é um processo contínuo de reconstrução da experiência, em que o saber se consolida no fazer e no experimentar.

Conclusão

A Pedagogia de Projetos se mostrou uma ferramenta pedagógica indispensável para favorecer a aprendizagem significativa e a inclusão de alunos que apresentam comportamentos específicos, como o hiperfoco, ou dificuldades na dinâmica escolar tradicional. Por meio das etapas planejadas e voltadas para a escuta atenta da infância, as crianças sentiram-se seguras, valorizadas e puderam participar ativamente de cada processo pedagógico no seu próprio ritmo de desenvolvimento.

O projeto proporcionou uma construção rica de conhecimentos sobre o tema dos dinossauros e a introdução ao pensamento científico elemental. Por meio do estudo de textos, da literatura lúdica e do contato concreto com materiais científicos, as crianças expandiram consideravelmente seu vocabulário, sua capacidade de trabalhar em equipe e suas habilidades motoras e gráficas, cumprindo com êxito os direitos de aprendizagem assegurados pela BNCC. O fato de o tema ter nascido de um interesse real e de ter sido abraçado coletivamente aumentou o senso de pertencimento e o comprometimento da turma com a rotina escolar.

A parceria firmada com o Laboratório de Paleontologia da UNIVAP conferiu um rigor metodológico essencial à intervenção, demonstrando a importância de conectar a pesquisa universitária à comunidade escolar básica para enriquecer o ensino público.

Além disso, a vivência desse projeto ampliou imensamente a nossa própria percepção prática e teórica sobre a docência. Essa oportunidade na formação inicial é fundamental, pois nos permitiu compreender que ser professora exige uma escuta sensível, flexibilidade para replanejar as ações de acordo com as respostas do grupo e, principalmente, a coragem de enxergar as particularidades de cada aluno não como uma barreira, mas como uma potente aliada pedagógica. O processo gerou um crescimento visível em nossa postura docente, preparando-nos para enfrentar os desafios de construir uma escola contemporânea que seja, de fato, participativa, cooperativa e democrática.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; GUIZZO, Bianca Salazar. **Interesse das crianças, pedagogia de projetos e metacognição: artes de governar a docência na educação infantil.** Cadernos de Pesquisa, v. 23, n. especial, p. 212-226, 2017.

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GUNN, Kerry C. M.; DELAFIELD-BUTT, Jonathan T. **Teaching children with autism spectrum disorder with restricted interests: a review of evidence for best practice.** Review of Educational Research, v. 86, n. 2, p. 408-430, 2016.

ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender**. Tradução: Edgar de Godói da Mata Machado; Márcio Paulo de Andrade. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais, 1972.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).